



# Migração, família e conhecimentos tradicionais

## *Migration, family and traditional knowledge*

**Ellen F. Woortmann**

*ellen@unb.com.br*

*DAN/UnB Graduada e especialista em História (Unisinos), com Mestrado e Doutorado em Antropologia (UnB). Pesquisadora associada do PPGAS/UnB, da Oslo University e vice-presidente da ABA, atua com parentesco, imigração, memória, gênero e saberes tradicionais.*

### RESUMO

Com base em dados históricos e etnográficos, o artigo se propõe a analisar algumas dimensões da migração de famílias de colonos teuto-brasileiros, das chamadas “colônias alemãs velhas” do Rio grande do Sul. Numa modalidade de “marcha para o oeste”, analisa-se especialmente a migração que se estende ao nordeste da Argentina e sudeste do Paraguai. Destaca-se a formação sócio-econômica e religiosa dos migrantes, seu capital cognitivo tradicional, seu papel protagonista na criação de novas colônias e o papel da mulher nesse processo.

Palavras-chave: Migração, Colonos teuto-brasileiros na Argentina, Gênero.

### ABSTRACT

Based on historical and ethnographical data, the article intends to analyze certain dimensions of the migration of German-Brazilian colonists first established in the so-called “old German colonies” of Rio Grande do Sul. More specifically, it deals with a particular form of the widespread “march to the West” that took place in Brazil, focusing on the migratory movement towards Argentina’s northwest and southeast Paraguay. The study emphasizes their socio-economical and religious formation, their cognitive capital and their role as protagonists in the establishment of new settlements, as well as the role of women in such process.

Keywords: Migration, German-Brazilian colonists, Gender.

dossiê | dossier

013

vivência43  
REVISTA DE ANTROPOLOGIA





O objetivo deste artigo é analisar a ótica histórico-antropológica, dimensões do deslocamento de famílias de colonos teuto-brasileiros, cujo pólo emissor se localiza nas chamadas “colônias alemãs velhas”, para o que hoje se concebe como Cone Sul. Esse fenômeno, que se centra no final do século XIX e primeira metade do século XX, é parte de um grande trânsito, uma “marcha para o oeste” cujo polo receptor abrange o sudoeste do Brasil, nordeste da Argentina e sudeste do Paraguai, e atinge o oeste de Santa Catarina e Paraná, que aqui não serão analisados. Esse fenômeno migratório é parte do que Benencia (2004, p. 433) define como *inmigración limítrofe* da Argentina.

É uma marcha na qual esses colonos seguem em busca de novas fronteiras, mormente em busca de terras pelas quais asseguram sua reprodução social camponesa, como que replicando um *habitus* antigo atualizado a cada geração de (i)migrantes. Nesse quadro, insere-se o objetivo específico que é o de analisar dimensões da participação da mulher nesse processo migratório.

Como propõe Taussig (1983), se esta é uma marcha que pode ser lida como parte da expansão do capitalismo e a ele subordinada, ele no entanto, não a organiza. São os valores tradicionais camponeses que definem os “expulsos estruturais” e constroem o processo migratório em busca de novas e melhores terras. Nesse sentido, a terra, enquanto uma “categoria nucleante” (WOORTMANN, 1990) constitui parte de uma “teia de significados”, na qual igualmente se encontram as categorias “família” e “trabalho”.

Além dessas categorias mencionadas, esses colonos teuto-brasileiros ainda possuem outra categoria norteadora: a religião. Seja ela católica, seja evangélica (luterana), a religião pode ser entendida enquanto parte de um conjunto de crenças e práticas do sagrado, mas que igualmente se traduz em dimensões laicas, em práticas no cotidiano. As principais colônias em Misiones, Puerto Rico e Montecarlo, de forma análoga às primeiras no Rio Grande do Sul, dividiam os imigrantes em católicos e evangélicos. Se as duas denominações principais tinham significativas diferenças quanto aos seus princípios religiosos e história, elas, no plano da prática junto aos seus fiéis, possuíam significativas analogias. Nesse sentido, as duas igrejas atuaram desde duas dimensões. A primeira diz respeito ao esforço empreendido no sentido de criar escolas de bom nível e igrejas - nessa ordem de prioridade - para as novas gerações. Com isso, também se mantém e consolida a língua alemã oficial, o *Hochdeutsch* como língua franca, o “denominador comum” face à diversidade de dialetos e tradições culturais diferentes entre os colonos. Os vários dialetos passam a ter sua fala limitada ao âmbito doméstico. Essa diversidade de cultural e de dialetos decorre da diversidade de procedências dos colonos: havia os que provinham da então “colcha de retalhos” alemã, do império austro-húngaro, os chamados “alemães do Volga” e de outras áreas de antigas colônias do leste europeu. A segunda dimensão que aproximava a atuação das duas Igrejas diz respeito à manutenção da língua alemã face à espanhola, principalmente após a efetiva entrada de instituições argentinas nas colônias, em especial após a criação das “escolas criollas” (sobre sistema escolar teuto-brasileiro e argentino, ver RAMBO, 1985, 1994; DREHER, 2003; e GALLERO, 2009).

Com o apoio de instâncias governamentais, o clero das duas igrejas, ao lado das novas lideranças econômicas surgidas, foi importante para o incremento de redes socioculturais e econômicas com a Alemanha. Incrementa-se a vinda de mais imigrantes ao lado de grupos técnicos e de pesquisa, a importação de materiais didáticos, religiosos e de consumo em geral, ao mesmo tempo em que é promovida a exportação de matérias-primas e produtos das colônias para a Europa.





Destarte, essas duas Igrejas se constituíram em fatores de agregação, interação e configuração do que denominamos “áreas de referência de identidade” ou “ilhas de identidade” que se aproxima do celebrado conceito de Sahlins (2003), de “ilhas de História”. É o que se depreende dos dois resumos de trajetórias de migração incluídas como anexo, na qual os atores sociais ao mesmo tempo que criam “ilhas de identidade”, também circulam, migram, de uma para outra. Constituiu na verdade um fenômeno recorrente não só entre os alemães ou teuto-brasileiros, ou de outros imigrantes estrangeiros, como entre outros grupos migrantes, como é o caso de nordestinos que se deslocam preferencialmente onde há outros já estabelecidos, sejam eles parentes, amigos ou conterrâneos.

Além disso, o fenômeno migratório de alemães e teuto-brasileiros para a Argentina contava com algum apoio oficial, porém era claramente conduzido por lideranças religiosas atuantes, tais como a do Padre Lassberg ou civis, como a de Carl Culmey. Ambos, nos termos da época foram considerados *patres colonorum*, isto é, “pais dos colonos” ou “heróis fundadores”.

Eles podem ser considerados lideranças fundamentais para a criação das novas colônias ainda no extremo noroeste do Rio Grande do Sul e posteriormente na calha dos Rios Uruguai e Paraná. Além disso, essas lideranças são marcantes no sentido de dar credibilidade às suas e outras empresas colonizadoras e referência na atração de colonos teuto-brasileiros aos novos empreendimentos. Suas atuações e vínculos com as poderosas associações de camponeses que existiam no Rio Grande do Sul - como o *Deutscher Bauernverein*, que chegou a reunir milhares de camponeses em seus congressos - construíram as bases de apoio a partir das quais colonos teuto-brasileiros e imigrantes alemães buscavam as “colônias novas rio acima”.

Nesse sentido, também não podem ser esquecidas as redes de publicações em alemão, voltadas para o público de camponês, as quais, reforçadas posteriormente com os periódicos teuto-argentinos, participaram da divulgação de melhorias técnico-agrícolas e domésticas nessas novas colônias na Argentina e Paraguai. Tal como nas colônias velhas do Rio Grande do Sul, nessas novas ilhas de identidade eram recorrentes os “círculos de leitura” (*Leserring*), nos quais semanários, almanaques e livros eram comprados em conjunto pelos colonos de uma localidade, por exemplo e eram por eles lidos em revezamento.

Tal como já analisado em outro lugar (WOORTMANN, 1995), o fenômeno da migração constitui um *affaire de famille* e parte de seu *habitus*.

Geralmente, as famílias que emigraram da Alemanha ou de regiões de cultura alemã para o Brasil, formavam grupos familiares aparentadas entre si ou em grupos originários das mesmas aldeias se instalavam. E mesmo que se identifique nos registros algum homem isolado que migra, nesse contexto, ele pode ser definido, numa percepção dumontiana, como *pessoa*, parte de um grupo familiar mais amplo ao qual poderá estar relacionado. Com frequência ele é o cabeça de ponte, escolhido como “olheiro”, o qual representa a família na avaliação das condições do local para onde o grupo irá migrar.

Por outro lado, o fato de ser registrado na documentação de emigração como homem solteiro não exclui a possibilidade de que ele esteja relacionado à alguma mulher - inclusive com filhos - porém não teve as condições financeiras básicas exigidas pela igreja ou estado para realizar o casamento. Esse fato explica o significativo número de registros de casamentos ocorridos logo após a chegada, entre um solteiro e a “addida” de sua família, bem como a imediata “adoção” dos filhos desta. Assim é que, sob os registros de uma união legal no Brasil, esconde-se uma união de fato anterior. Por outro lado, como mostra Devoto (2004, p. 302),





“... las mujeres son inmigrantes invisibles. En el sentido de que las fuentes hablan poco de ellas. En general han sido vistas como parte integrante del proceso familiar de migración y dentro de él como el eslabón sucesivo a la migración de hombres en la cadena.”

Vale ressaltar que no âmbito do universo rural tradicional, tanto alemão quanto teuto-brasileiro, assim como as japonesas que vieram ao Brasil a partir de 1908, oficialmente as mulheres não migravam, elas “eram migradas” de um espaço-referência da família ou ilha de identidade para outra.

Não se encontra dados que indiquem a migração de mulheres sozinhas, solteiras, integrassem redes sociais, tais como as que saíram na segunda metade do século XIX de várias aldeias rurais da Escandinávia. Essas, após permanecerem numa espécie de “estágio de treinamento urbano” trabalhando em casas de família em cidades tais como a antiga Christiania (atual Oslo), seguiam para áreas urbanas na América, especialmente Chicago. Via de regra essas últimas eram mulheres jovens que buscavam na América novas perspectivas de vida e futuro. O que se encontra nos dados e depoimentos é a migração de mulheres solteiras, que “são migradas” no interior de esferas religiosas. São noviças, jovens que no âmbito de suas carreiras circulam entre unidades tais como escolas, conventos, hospitais, etc de determinadas ordens religiosas muitas delas alicerçadas nas “ilhas de identidade”, tais como as Irmãs de Santa Catarina, Servas do Espírito Santo, etc Maiores detalhes, ver Grossi, M. (1995).

Se o processo de emigração da Alemanha foi desencadeado e organizado sob a esfera do grupo familiar, como visto, é ele também que organiza a sua instalação nas colônias e picadas no Brasil. Nos documentos são facilmente identificáveis os parentes e pessoas relacionadas que se estabelecem em lotes contíguos ou próximos. É o que explica a nomeação de muitas localidades, tais como Fuchserck (Canto dos Fuchs), Sommer ou Berghanschneiss (Picada dos Sommer ou dos Berghan, hoje Ivoti), Schneiderstal (Vale dos Schneider).

Centrando a análise dessa migração de teuto-brasileiros para as colônias alemãs novas de Misiones, pode-se constatar, como visto anteriormente, que no plano do modelo, este grupo, tal como outros em processo de migração, desloca-se entre áreas de referência de identidade. Nesse quadro, tal como entre os japoneses analisados em outro lugar (WOORTMANN, 1995), pessoas, como parte de grupos familiares e de vizinhança, deslocam-se de uma comunidade, área de imigração e identidade antigas, para outras novas em fase de abertura ou em consolidação. De forma análoga, imigrantes posteriormente chegados escolhem áreas de referência mais recentes para se instalar, como forma de assegurar ajuda na instalação, algum apoio socioeconômico e religioso.

Nesse sentido é importante assinalar que, em geral, os estudos sobre imigração alemã no Brasil pouco se referem à dinâmica que leva contingentes a “atravessar rios” e se deslocar para outros países limítrofes. Autores consagrados, como Jean Roche e Leo Waibel ou Emilio Willelms, por exemplo, reservam poucos parágrafos secundários a esse fenômeno que demográfica e culturalmente é muito importante, tanto para os países que os recebem quanto para os de onde saem. Em contrapartida, Devoto destaca sua importância ao reservar a parte final de seu livro sobre imigração na Argentina a esses contingentes: um artigo especial escrito por Benencia.

Tal como detalhado em Gallero (2009), o processo de instalação de teuto-brasileiros na região de Misiones foi desencadeada no âmbito ainda da Guerra do Paraguai, quando alguns colonos comerciantes do noroeste do Rio Grande do Sul lá se estabeleceram com o objetivo de fornecer alimentos para





as tropas brasileiras. Dentre esses comerciantes teuto-brasileiros se destaca Reginald Krieger, depois pioneiro e patriarca de uma grande família (GALLERO, op. cit.) na região de Misiones.

Pacificada a região e definidas as fronteiras, o estado argentino estimulou a instalação de projetos de colonização, visto que o território em 1880 contava com tão somente 11.000 habitantes (GALLERO, op. cit.). A atuação de empresas colonizadoras oficiais, seguidas pelas privadas, passaram a abrir colônias tendo como referência os vales dos Rios Uruguai e Paraguai e seus afluentes, os quais se constituíram em eficientes meios de comunicação e transporte entre as colônias, os colonos e sua produção. Se antes os antigos imigrantes alemães buscavam um futuro melhor “do outro lado do oceano, atendendo ao chamado de Deus”, agora os teuto-brasileiros o buscam “mais em cima, do outro lado do rio, se Deus quiser” ou, numa visão laicizada, “atendendo à chamada do destino” (WOORTMANN, 2006).

Nessa migração, definida pelos historiadores argentinos como *invasión brasileña* ou *teuto-brasileños*, segundo cálculos aproximados de Holger Meding (GALLERO, 2009, p. 67), cerca de 12.000 teuto-brasileiros cruzaram os rios para se estabelecer em Misiones. Demograficamente, esse fenômeno se torna ainda mais relevante se for levado em conta que, mesmo descontando os retornados, esse contingente de teuto-brasileiros corresponderia à cerca da metade da população do chamado *territorio misionero* nesse momento. Vale ressaltar que nesse cálculo não estão incluídos os da chamada *primera corriente*, acerca dos quais os dados são escassos e imprecisos porque pouco documentados. Nesse quadro, tampouco estão computados os imigrantes alemães e suecos, por exemplo, que após alguns anos de estada no Brasil, seguiram com teuto-brasileiros para a Argentina e Paraguai.

Alguns casos significativos de migrações de diferentes gerações da mesma família até chegarem a Misiones citadas por Gallero (2009, p. 68), encontrados no Censo Argentino de 1895, podem ser resumidos. Um desses casos é o da família Berghan (HUNSCHE, 1975, p. 208), luterana, veio de Holstein para o Brasil na galera Germânia, tendo chegado a São Leopoldo, na 2ª leva de imigrantes alemães em 6/11/1824. Essa família iniciou a colonização do lugar que então ficou conhecido como *Berghanerschneiss*, Picada dos Berghan, hoje cidade de Ivoti. O grupo era composto por sete pessoas, dois irmãos com as respectivas esposas e três filhos do irmão mais novo. O filho mais velho deste último, nascido em 1816, viúvo e aos 76 anos, migra de Berghanerschneiss, um dos núcleos importantes das *alte Kolonien* (colônias velhas), para Misiones, com quarto de seus filhos e dois de seus respectivos cônjuges e netos, num total de 27 pessoas. Em 1885, ano em que o censo argentino os registrou, haviam nascido mais dois netos, estes já cidadãos argentinos. A família Berghan ainda hoje é representativa em Ivoti, assim como na região de Misiones.

Vale destacar, ainda, que a memória familiar explica (conforme GALLERO, op. cit.) que a evasão de parte da família Berghan e parte de outras famílias tradicionais das colônias velhas se deu devido à combinação de vários fatores mais específicos, dentre os quais se destacam o esgotamento das terras de cultivo, seu excessivo fracionamento e alto preço - este último também nas colônias novas - fato que poderia inviabilizar a reprodução social camponesa para os numerosos filhos.

A instabilidade política do Rio Grande do Sul, com saques, mortes etc., foi outro ponto destacado pela memória familiar que estimulou a migração do grupo: a Guerra Cisplatina (1825-1828), a Revolução Farroupilha (1835-1845), na qual faleceu o irmão imigrante “em ação contra os farrapos”, a Guerra do Paraguai (1864-1870) e a Revolução Federalista (1893-1895).





Já na década de 1930/40, novos grupos de teuto-brasileiros dirigem-se para a Argentina. Fogem das perseguições do governo Vargas e da violência do processo de nacionalização que se instaura no Brasil, no qual grande parte das escolas coloniais foi fechada, igrejas e casas foram saqueadas.

Buscam, como seus antepassados, novas oportunidades de vida, novas terras e trabalho. Ademais encontram trabalho rentável no cultivo do mate, que nas áreas coloniais alemãs do Rio Grande do Sul era parte do elenco de produtos da auto-subsistência camponesa e que na Argentina era um produto agro-exportador valorizado. Nesse sentido é interessante que, se os seus antepassados teuto-brasileiros, em especial as mulheres, levaram para Misiones o conhecimento do trato de raízes, cascas, ervas naturais, etc, conhecimento esse incorporado no diálogo com os nativos, agora passam a cultivá-los, somando a estes, conhecimentos técnico-científicos gerados na Europa e na própria Argentina.

Estes últimos constituem conhecimentos alicerçados no que Ferro (1996) define como "mundialização". Esses novos conhecimentos são parte do modelo econômico colonialista, no qual os navios levavam da Europa os excedentes populacionais para a América, e num processo de maximização dos investimentos, retornavam com matérias-primas necessárias para consumo e o processo de industrialização que se iniciava. Nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul, o produto exportado no âmbito desse quadro era, além de madeiras de lei e fumo, a banha, "o ouro branco dos colonos", que de produto da esfera feminina e doméstica de auto-consumo, passa a ser re-significado para a esfera masculina e, em grande quantidade escoado para atacadistas os quais a destinavam para outras regiões do Brasil e o exterior.

Ainda que tenha como característica comum o fato da e/i/migração ser, via de regra, orientada pelo valor família e por ela organizada, os fluxos de imigrantes alemães para o Brasil e depois para Misiones, estava longe de ser homogêneo. Há diferenças significativas entre eles, como mostram Weyreuter (1992), Gallero (2009) e Sarramone (2011). Enquanto os teuto-brasileiros, os alemães do Volga e outros, por exemplo, retém o modo de falar e os valores alemães antigos, tradicionais e por isso eram até certo ponto discriminados, outros faziam parte de facções sociais ou políticas urbanas, muitas vezes até antagônicas nos seus lugares de origem ou de extratos socioculturais distintos.

O fato de haver diferenças significativas quanto às trajetórias históricas às quais os imigrantes estavam atrelados, igualmente constrói diferenças socioeconômicas nas novas colônias. Os teuto-brasileiros das colônias velhas aportaram no Brasil ainda sob a égide de uma Alemanha marcada pela diversidade local e economia camponesas, outros, mais tarde, saíram de uma Alemanha politicamente unificada, com as bases e em decorrência de um novo modelo econômico: o da revolução industrial que estava sendo implantada. Assim, se há diferenças significativas entre eles, há, contudo, o fato comum de que todos podem ser definidos num plano macro, como "expulsos estruturais" (MENDRAS, 1978).

No entanto, vale ressaltar que se, no plano do modelo, todos são expulsos estruturais que impõe a saída dos "excessos" populacionais, a forma específica de como a operacionalização da expulsão será organizada, permanece no plano da micro, isto é, constitui atribuição da família e em alguns casos da comunidade definir quem "vai ou quem fica".

Destarte, as práticas familiares que organizaram a saída da Europa para a América, de forma análoga, organizaram o processo de expulsão estrutural de filhos e filhas das colônias velhas para as novas, "do outro lado do rio".





De uma forma análoga à encontrada entre camponeses sergipanos (WOORTMANN, 1994), no contexto teuto-brasileiro, estimular filhos e filhas para as colônias novas era parte de uma estratégia para evitar o fracionamento das terras na colônia velha. Era, portanto, uma forma de assegurar a reprodução social camponesa, tanto dos filhos que ficavam quanto dos demais que para os quais a família compra terras nas colônias novas. Destarte, a migração da colônia velha para as novas colônias se constituiu num fenômeno que, ao mesmo tempo em que reduziu a demanda sobre a terra na primeira, constituiu fator de criação, fortalecimento e expansão das segundas.

Há outros fatores importantes que devem ser levado em conta a fim de se compreender o êxito dos teuto-brasileiros na instalação nas colônias mistas, novas, na Argentina e Paraguai. Muitos dos imigrantes alemães e descendentes teuto-brasileiro do Vale do Rio Reno tinham o que se poderia denominar de “dupla ocupação”, isto é, combinavam as atividades camponesas com atividades especializadas artesanais (mais detalhes ver em WEIMER, 1976).

Essa combinação havia sido estratégica no processo de instalação e consolidação das colônias velhas como também será no processo de instalação dos teuto-brasileiros nas colônias alemãs novas do Cone Sul. Em termos de Durkheim, configuraram um modelo que ainda retém características de “solidariedade mecânica”, compartilhando valores e noções de trabalho camponês. Por outro lado, numa complementaridade exitosa no plano da comunidade, exerciam uma série de profissões: eram pedreiros, carpinteiros, marceneiros, construtores de moinhos, carroças, ferreiros, mas também tanoeiros, veterinários etc. Esses conhecimentos constituíram um “capital cognitivo” importante e foram transmitidos, paralelamente conforme o gênero, aos filhos e filhas, alguns dos quais participantes da “marcha para o oeste”.

Porém, esses conhecimentos são dinâmicos: descartam e incorporaram novas dimensões conforme o tempo e o espaço. Essas sucessivas gerações de imigrantes e migrados e seus filhos foram as que, com a ajuda das populações locais existentes, apreenderam, incorporaram e desenvolveram técnicas novas de preparo e cultivo do solo, introduziram novos alimentos e adaptaram as práticas etnoecológicas européias ao meio-ambiente da mata atlântica brasileira e depois da Argentina e Paraguai.

A contribuição dessa experiência técnico-ecológica teuto-brasileira foi destacada por Weyreuth (1992, p. 30) quando, em seu diário, apresenta a memória do processo de emigração de sua família extensa, classe média urbana, da Alemanha para a Argentina, devido à crise de 1923.

Numa perspectiva viricentrada, o autor afirma que seu pai, após abrir falência na Alemanha, considerando que tinha como hobby a horticultura, resolveu recomeçar a vida na América, na recém-aberta colônia luterana de Montecarlo. Weyreuter destaca que

“Librados a nuestra suerte, sin ninguna experiencia, nos veíamos frente a selva con su implacable grandeza y crueldad. Es cierto, teníamos coraje suficiente para querer vencer, pero si falta la experiencia, el coraje no vale nada. Una hectárea, un área de 100x100 mts, no es nada si se vê arada y limpia. Pero una área de selva es una superficie enorme si hay que voltear y limpiar... no teníamos la más remota idea de cómo voltear un árbol; el señor Glücksberg se ofreció a enseñar a mi padre el elemental.”

Continua no detalhamento das dificuldades por várias páginas, até resumir, mais adiante: “*El primer año fue durísimo. ¿Que sabíamos de desmonte? con todo*





*sacrificio no avanzábamos la mitad delo que hacían los alemanes del Brasil que conocían a fondo el trabajo en el monte” (WEYREUTER, op. cit., p. 32).*

A seguir, aponta para circuitos de ajuda mútua entre os imigrantes alemães recém-chegados e teuto-brasileiros: “*Cuando los alemanes-brasileños, que ya habian llegado antes, carneaban, conseguíamos, a veces, un asado*”. (idem, p. 32).

De forma análoga ao que já foi discutido em outro artigo (WOORTMANN, 2001), a memória familiar do autor apenas situa vagamente a família na Alemanha, sem entrar em detalhes. Em contrapartida, identifica-se no decorrer do texto uma interessante mudança de “lugar de fala” dele. No início, ele emprega expressões tais como *mi papá, nosotros*, etc., colocando-se numa perspectiva de memória infantil, sendo que mais adiante, correspondente à sua situação de homem, jovem, adulto, passa a empregar constantemente expressões de gênero masculino, centradas no yo.

Nesse processo de ensino-aprendizagem, ao lado da aprendizagem dos conhecimentos camponeses e da segunda ocupação do pai de família no âmbito da própria família, até o final da década de 1930, mantinha-se nas colônias velhas a antiga tradição alemã do *Lehrling*, do aprendiz. Nessa forma de aprendizagem, o adolescente permanecia cerca de um ano numa outra picada, aos cuidados e hospedado na casa de um “mestre” (*Meister*) que lhe ensinava o ofício. Se o aprendiz fosse parente dos pais ou a eles ligado por laços de compadrio, por exemplo, o ensino do ofício poderia ser em troca de trabalho. Contudo, caso não houvesse laços entre as famílias do mestre e do aprendiz - especialmente se o ofício fosse valorizado - a família do último remunerava o mestre, ou o aprendiz “retribuía” posteriormente, com um período de trabalho adicional não ou pouco remunerado. É o caso da aprendizagem dos ofícios de alfaiate, de construtor de equipamentos movidos à força hidráulica ou construtor de casas estilo enxaimel, serralheiro/armeiro, etno-veterinário, perfurador de poços, entre outros, que implicava na aquisição de conhecimentos específicos mais complexos e, por conseguinte, futuramente mais rentáveis. Via de regra, esses ofícios estavam associados à migração para outras novas colônias onde não existiam esses especialistas.

No universo feminino, essa dupla ocupação era menos frequente e evidente. Esse fato, contudo, não diminui a importância da contribuição do conhecimento feminino no processo de instalação e consolidação das famílias nas colônias antigas e novas. Se havia, especialmente entre as teuto-brasileiras, aquelas com efetiva habilidade e reconhecida dupla ocupação, as parteiras, benzedeiros, professoras ou costureiras, por exemplo, havia, por outro lado, atividades análogas à dupla ocupação, dada a sua importância estratégica no êxito da reprodução social camponesa.

As mulheres, no âmbito da família/comunidade, desenvolveram especialidades a partir das atividades domésticas usuais. A mulher era detentora de uma grande variedade de técnicas de produção e conservação de alimentos, associada à oportunidade de alguma venda, tais como o fornecimento de leite in natura, queijos e dos defumados, embutidos ou conservas. Outros conhecimentos da esfera feminina eram igualmente importantes, como as práticas etnoecológicas de prevenção ou eliminação de pragas, curas de animais, aproveitamento de plantas nativas, etc. Esses conhecimentos eram essenciais para o enfrentamento das novas situações e as eventuais crises que acompanhavam o recomeço nas novas colônias.

Esses conhecimentos constituíam um capital cognitivo camponês feminino, que era transmitido de maneira informal através de duas vertentes





principais: de avó/mãe para filha no cotidiano do saber-fazer doméstico ou via compadrio.

Nesse quadro de preparação de um capital cognitivo feminino das novas gerações teuto-brasileiras, a madrinha desempenhava um papel relevante. A preparação consistia na permanência da menina ou jovem por algum tempo na casa da madrinha, ou de sua equivalente estrutural, uma irmã mais velha, que era considerada exímia bordadeira, costureira ou hábil na preparação de derivados de leite, por exemplo. O envio de uma filha ou irmã mais nova para prestar ajuda a mais velha em situação de primípara, do nascimento de gêmeos ou de várias crianças pequenas, por exemplo, era considerado de um lado, um auxílio ou “ajuda estratégica” disponibilizada pela família extensa.

Por outro lado, esse “tempo de ajuda”, auxílio, era requalificado, no plano pessoal da jovem, como uma oportunidade, uma concessão da família para seu processo de aprendizagem, para sua formação de gênero.

A partir da década de 1920, a possibilidade de aprendizagem de jovens colonas na casa da madrinha ou irmã mais velha, foi ampliada, incluindo-se períodos de aprendizagem urbana na casa de professores, ex-colonos fortes urbanizados, ou então em casas de padres, pastores, ou mesmo como auxiliares em hospitais e escolas conduzidas por religiosas, por exemplo.

Sob a capa desta “ampliação de oportunidades”, identificam-se relações de trabalho temporário, como empregada doméstica na cidade. É o que uma colona idosa, hoje aposentada, define como “meu tempo na casa dos Müller”. Análogo em parte ao período de urbanização das escandinavas já mencionadas, durante esse período, a esposa do médico lhe ensinou “as coisas da casa (urbana), a fazer tricô e crochê e a “falar um alemão mais bonito” (*Hochdeutsch*) do que o (dialeto do teuto-brasileiro, alicerçado no do Hunsrück) que se falava “lá dentro” (*drinnen*) na colônia”. Foram quase três meses de aprendizagem, para depois a jovem passar a receber algum dinheiro pela ajuda prestada nas atividades na casa e os cuidados com os filhos. Ela enfatiza que não era empregada doméstica, porque recebia para “ajudar” a esposa do médico. Além disso, o fato de o médico ser padrinho de sua irmã (ele a salvou no parto) e de ela fazer as refeições na mesa com a família, na sua percepção, definitivamente não a colocavam nessa condição subalterna.

Foi a esposa do médico que permitiu que ela fizesse o curso de cabeleireira, trabalho no qual se tornou exímia e exerceu até recentemente na colônia e que conciliou com as atividades domésticas desde que casou.

Durante esses três anos de permanência na cidade, lá fora (*draussen*) ela, além disso, conheceu algumas inovações até então desconhecidas nas colônias, tais como cinema e telefone. Nessa oportunidade conseguiu comprar seu enxoval para o casamento e ainda dar algum apoio à família que possuía pouca terra e de má qualidade, e seis crianças pequenas mais novas. Com evidente orgulho, contou que nesse período presenteou sua mãe com uma máquina de costura nova e pagou as despesas de um dos irmãos no Seminário dos jesuítas de Tupandi.

Ser considerada “exímia” em algo abre a possibilidade de que esse conhecimento viesse a tornar o trabalho em sua fonte de renda. Com uma perspectiva de tendência bi-linear, o gerenciamento doméstico com a venda dos produtos produzidos na esfera feminina era fundamental, pois com *mein Geld*, quer dizer “meu dinheiro”, auferido “com o seu trabalho e das filhas”, a colona boa dona de casa garante a sua autonomia, face ao marido, nas compras para a casa e para o enxoval das filhas. Atualmente essa categoria “meu dinheiro” inclui a aposentadoria rural que também lhe assegura certa autonomia.





Portanto, ainda que o capital cognitivo feminino estivesse mais voltado para a esfera doméstica, para o âmbito do privado, ele era imprescindível para o êxito da reprodução social e do processo migratório desses teuto-brasileiros.

A dupla ocupação marcada por uma significativa complementaridade entre gêneros era, ademais, parte do cálculo do processo migratório desses colonos: enquanto o herdeiro e esposa permaneciam na propriedade da família e mantinham o ofício do pai ou a habilidade da mãe na localidade da colônia velha, os filhos e filhas que a haviam aprendido, ao seguirem para novas colônias abriam novas possibilidades de trabalho e remuneração. Ainda que nem todos os ofícios ou habilidades revertissem em remuneração, eles constituíam importantes contribuições aos circuitos de reciprocidade que se criavam quando da instalação e consolidação nas novas colônias ou, mais tarde com os migrados para a cidade.

Esse “saber/fazer” europeu, ajustado à nova realidade sócio-ambiental foi fundamental nas novas colônias: de um lado porque tornava o investimento de esforço, técnicas e recursos mais eficiente e de outro, foi fundamental como ajuda para o processo de instalação / adaptação dos imigrantes alemães e teuto-brasileiros recém-chegados.

O anuário católico *Familienfreund* (1930) aponta que cerca de 100.000 descendentes de alemães e teuto-brasileiros vivem na Argentina como um todo, a maior parte como camponeses. Aponta ainda para a existência de várias associações rurais, das quais duas são mais importantes: o *Deutsches Volksbund*, com cerca de 5000 associados, e o *Bund der Deutschen Landwirte* e que foram fundamentais para o estímulo e consolidação do movimento migratório.

Estes imigrantes alemães mais recentes, muitos dos quais urbanizados, vindos de navio a vapor no final do século XIX e primeiras décadas do século XX, por sua vez, em muito contribuíram no aporte de inovações tecnológicas, novas variedades de plantas e contribuições culturais e pedagógicas. Com frequência, o recém-chegado (a) numa colônia nova, tornava-se o professor da escola, o diácono da igreja, o líder do grupo coral, etc.

A combinação entre essas diferentes formas de socialização, capital social e cognitivo como qual cada grupo aportou, foi fundamental para o estabelecimento/estreitamento de laços de reciprocidade e de cooperação entre eles e os demais, constituindo um dos fatores de êxito do processo de expansão das futuras colônias novas de Misiones.

Nesse sentido é interessante o caso dos Fensterseifer, tal como transmitido pela memória familiar. Em 1847, imigra ao Brasil marceneiro Johann Adam e sua família, que se instala, num claro viés matrilateral/uxorilocal, temporariamente na casa de sua tia (im) que havia emigrado em 1824 para a colônia-mãe de II Irmãos(RS). Após, mais de um ano de aprendizagem e trabalho conjunto, a família recém-chegada compra terras em uma colônia próxima, com uma boa infraestrutura, onde constrói sua casa, passa a criar gado e a cultivar. Segundo essa memória familiar,

“foi na noite de Natal, de que ano eu não sei, que eles foram a igreja - eles cantavam no coral -, quando voltaram é que viram a casa queimando. Vieram os vizinhos para ajudar, mas também não puderam fazer nada... Pensa uma vez que situação. E aí eles tiveram que vender as coisas, terras com tudo plantado, feijão para colher, tudo... Com o dinheiro que deu, eles foram para Teutônia, compraram mato, mato fechado (com) só com a picada aberta e começaram tudo de novo.”





O ano de aprendizagem e experiências anteriores dessa família na colônia velha foram fundamentais para viabilizar o seu recomeço e em poucos anos construir o que é hoje a “casa-tronco” da família. Após parte de seus descendentes se instalarem nas colônias de Estrela e Lajeado, outros participaram da criação das colônias de Ijuí e Panambi. Enquanto parte dos descendentes desses últimos migrou para Porto Alegre, alguns desses últimos, num evidente processo de enxamagem tradicional, seguiram “rio acima” onde se instalaram nas proximidades de Hohenau (PY).

Assim é que entre 1824 e 1830, 4.856 imigrantes foram estabelecidos na colônia de São Leopoldo, dos quais 3.788 eram organizados em 815 famílias e 1.073 eram “isolados”. O caso do navio Friedrich Heinrich, em 1825, é ilustrativo: nele chegaram 359 pessoas, das quais 224 crianças. Considerando que, dentre os casais arrolados sete ainda não tinham filhos, tem-se uma média de 3,5 filhos por casal; 45,41% dos filhos estavam em idade de trabalhar e 30% em idade de casar (ROCHE, op. cit., p. 159).

Entre 1844 e 1874, com a retomada da imigração para o Rio Grande do Sul, após a Revolução Farroupilha, mantém-se a mesma tendência de imigração familiar: de um total de 5.122 imigrantes, apenas 274 eram solteiros. Em 1850, o panorama geral da colônia de São Leopoldo era o seguinte: 2.640 famílias, com uma média de 3,9 filhos por casal, 188 chefes de família viúvos e 1850 adultos solteiros. A presença de 4.339 jovens com mais de 12 anos iria explicar o grande número de casamentos endogâmicos realizados nos anos seguintes. (ROCHE, 1969, p. 159-160).

Nesse sentido, Avé l'Allemand destaca a relação que se estabelece entre as colônias velhas e novas no Rio Grande do Sul, às quais se pode acrescentar a Argentina, na busca de cônjuges e a importância da mulher no processo enxamagem, de instalação e consolidação das colônias novas:

“Sozinho na mata, nem o diabo pode suportar. Não podia achar uma esposa, não há moças. ‘Apenas emplumam, batem as asas’. É geral a queixa da falta de moças vigorosas, dessas que podem reunir, na mesma pessoa, a criada e a senhora, a mãe e a ama ao mesmo tempo. De algum modo, São Leopoldo exporta esse artigo, e nas picadas de Santa Cruz encontravam-se muitas. São leopoldenses que continuam com felicidade o trabalho de suas mães (1953, p. 169).”

O processo de enxamagem, segundo Roche (1969), inclui o que ele denomina de “mancha de azeite” inicial, isto é, o povoamento contínuo, ordenado por linhas e picadas das colônias antigas entre 1824 e 1832.

Essa modalidade de ocupação é seguida pela “pequena migração” que ele define como aquela “efetuada nas cercanias do lote da família ou num pequeno raio (cem quilômetros) ou pela posterior “grande migração”, que ele concebe como aquela que “transpõe várias centenas de quilômetros, se necessário saltando as zonas de campo, onde nenhum colono alemão se instalará”. Essa segunda modalidade de migração, de fato se consolida a partir do final do século XIX com a criação e articulação das estratégicas malhas de navegação fluvial e ferroviária para o centro e noroeste do estado do Rio Grande do Sul, fato que torna o acesso às novas colônias mais fácil, rápido e seguro, bem como o escoamento de sua produção mais eficiente e barato.

É interessante que essa definição de modalidades de migração corresponde, grosso modo, a tempos, distâncias e tecnologias muito distintas. Para uma idosa, hoje falecida, o chamado “mundo novo do tempo do meu pai” correspondia às já mencionadas colônias de Lajeado e Estrela, colônias essas que eram alcançadas após três dias a cavalo, com acomodações em alguma venda





ou casa. Eram então locais de descanso e alimentação improvisados, sob domínio feminino, onde a dona de casa “colocava mais uns pratos na mesa e cedia algum quarto” e troca de algum ganho. Representava um ganho adicional para um trabalho adicional feminino.

Já o “mundo novo do meu tempo” da idosa, que correspondia às colônias, depois núcleos urbanos do noroeste do Rio Grande do Sul, Argentina e Paraguai, nas décadas de 1920 /30, somente eram alcançadas após dias de viagem de trem e barco. Essa última modalidade de viagem já contava com uma infraestrutura que se formaliza para atender às famílias migrantes. As antigas vendas ou casas são reorganizadas e novos espaços passam a ser especialmente construídos para esse fim, como pequenos hotéis, empreendimentos coloniais, agora sob o domínio masculino, destinados a hospedar famílias de migrantes que se destinavam às colônias recém-abertas. Nesse quadro o trabalho feminino é subsumido ao domínio masculino que aufere também a renda obtida.

Essa “marcha para o oeste”, contudo, passa, no decorrer das décadas de 1960/70, por um processo de desaceleração devido a vários fatores entre si articulados. Em primeiro lugar, o gradativo fechamento das fronteiras agrícolas no Brasil, Argentina e Paraguai, nas quais o agro-negócio exportador, altamente competitivo, onde depois se torna onipresente.

Esse fato estimula o redirecionamento do fluxo migratório da área rural para os centros urbanos atraídos pelo processo de industrialização cujo modelo, naquele momento, demanda força de trabalho não qualificada. Assim, os filhos, ao invés de se instalarem em novas terras para assegurar a sua reprodução social como camponeses, passam a buscar trabalho nas fábricas de calçados nas cidades e mais tarde, nas unidades fabris estabelecidas nas próprias colônias velhas (SCHNEIDER, 1999). O tradicional modelo de trabalho familiar na produção de alimentos coloniais, por outro lado, passa a ser re-configurado, quando parte de seus membros assume a pluriatividade (CARNEIRO, 2002).

E finalmente, outro fator importante, ainda que não determinante desse processo de desaceleração migratório, pode ser atribuído à decadência e posterior desmantelamento das redes de comunicação e transporte entre os polos emissor e receptor de e/imigrantes. A maior parte da rede ferroviária e da malha de navegação fluvial para a região é fechada. Paralelamente, tanto no Brasil, quanto na Argentina e nas colônias paraguaias, os grupos familiares deixam de se deslocar para e entre as “ilhas de identidade” rurais, substituindo-as pela migração urbana. Essas ilhas de identidade não se confundem com o que Roche (op. cit., p. 177) define como “ilhas”, referindo-se às colônias de São Pedro de Alcântara e Três Forquilhas no Sul do Brasil, que permaneceram isoladas e pouco desenvolvidas até a década de 1960 devido à falta de comunicação e transporte.

Ademais, com a ruptura promovida pelo governo Vargas, proibindo o uso da língua e práticas culturais alemãs no plano público e privado, as gerações seguintes perdem muito dos conhecimentos por elas transmitidos. A cultura alemã e teuto-brasileira entra em desuso como um todo, sendo o *Hochdeutsch* substituído pelo ensino da língua inglesa nas escolas, de forma que gradativamente as próprias “ilhas de identidade” entram em processo de dissolução.





## Anexo

As noções de “ilhas de identidade” e nelas as “ilhas de referência familiar”, a rigor se consolidaram e estão etnograficamente ancoradas nas histórias de migrações, das quais apresentamos dois depoimentos aqui resumidos.

O primeiro depoimento foi tomado de uma jornalista teuto-argentina, na Colonia Tovar (Venezuela)<sup>1</sup>, ao descrever o processo migratório familiar.

Sua família, católica praticante, constituída por sua avó (mP), seus pais, dois tios solteiros (IP) de 14 e 15 anos e suas duas irmãs mais velhas, ainda crianças pequenas, saiu em decorrência da grande inflação de 1923, de uma pequena localidade do sul da Alemanha. Seu pai, que combinava as atividades de sapateiro com agricultura, resolveu emigrar para o Brasil, estabelecendo-se inicialmente em Montenegro (RS), onde comprou parte de um lote de terras já trabalhadas. Neste local nasceram dois de seus irmãos. Passados 4 ou 5 anos, face ao esgotamento dos solos, à falta de terras e de oportunidade de trabalho para os jovens, o grupo familiar resolveu vender suas terras e re-emigrar para as então chamadas “colônias novas” no noroeste do Rio Grande do Sul, estabelecendo-se nas proximidades de Cerro Azul, onde a entrevistada nasceu.

Essa iniciativa igualmente não deu certo porque o lugar onde se instalaram era muito isolado, não tinha escola ou igreja e o acesso era precário. Estimulados pela propaganda feita pelo padre da igreja de outra picada, a família novamente vendeu as suas recém-adquiridas terras e, junto com colonos teuto-brasileiros das vizinhanças, investiu todas as suas economias na compra de um lote na colônia de Puerto Rico. Lá, sua avó faleceu, ela e mais dois de seus irmãos nasceram. Posteriormente, nesta localidade, a jornalista estudou no colégio das irmãs, seus tios casaram com teuto-brasileiras e constituíram família e um irmão foi para o seminário.

Anos mais tarde ela e outro de seus irmãos, resolveram migrar para Colonia Tovar, onde ela é hoje responsável pelas publicações em língua alemã e contatos da Prefeitura com a Alemanha; seu irmão, recém-casado com uma local, é técnico agrícola e produtor de morangos.

O segundo depoimento é o de uma idosa, hoje morando com a filha e sua família, cujos bisavós alemães imigraram para o Brasil em 1847. Eles eram colonos em Santa Maria do Erval (RS), mas ainda assim, “com muita luta”, seus bisavós conseguiram comprar lotes contíguos para eles próprios e 3 de seus filhos numa colônia que estava sendo aberta, distante mais de três horas de Ijuí. Nessa colônia, seu pai e depois ela própria, mais nova de seis irmãos, nasceram.

A dificuldade de acesso à escola e igreja e de escoamento da produção, fez com que seus pais, após viagem preliminar do pai, decidissem vender as terras da sua família, e, com uma irmã e cunhado e mais dois vizinhos se “mudassem” para Puerto Rico, Misiones, Argentina. Ela não lembra o ano em que mudaram, porém, como datação relativa, aponta para o fato de que ela era jovem e de ter havido logo depois a maior enchente já registrada, o que poderia ser a de 1941.

Ela permaneceu pouco tempo em Puerto Rico, pois acompanhou a madrinha (im) - que havia tido gêmeos - para as novas colônias que estavam sendo abertas no Paraguai; ela atuou como *niñera*<sup>2</sup>, isto é, babá dos primos por vários anos, casando-se pouco tempo após retornar a Puerto Rico, com seu marido, também teuto-brasileiro, morador da mesma picada.





Poucos anos após o casamento, já com quatro dos seus seis filhos, ela e o marido retornaram para Santa Maria do Erval (Teewald) devido a problemas de saúde dele. Em Santa Maria, após permanecerem hospedados algumas semanas na casa de uma prima sem filhos, compraram parte das suas terras (...). O marido passou a trabalhar em fábrica de calçados até se aposentar. Com a ajuda dos filhos mantém hoje uma pequena roça e criação de animais para subsistência. A compra dessas terras configurou o retorno desse ramo familiar para a colônia original de seus antepassados como que concluindo o seu circuito, ao mesmo tempo em que assegurou a continuidade de parte desse patrimônio nas mãos da mesma família.

E finalmente, nos últimos anos, observou ela ainda, três filhos de seu irmão mais velho, de Puerto Rico, emigraram para o Brasil devido à crise do setor rural na Argentina. Permaneceram hospedados em sua casa até conseguirem oportunidades de trabalho e de estudo. Hoje dois sobrinhos trabalham na cooperativa agrícola local; já a afilhada conseguiu trabalho como auxiliar de enfermagem no hospital das irmãs, mesma congregação das de Puerto Rico.

É interessante observar que a idosa utiliza várias vezes a noção de “mudar”, “mudança” para Misiones e não i/emigrar, porque “não era longe” e só tinha que “ir para o outro lado do rio mais para cima onde tinha gente nossa”, da mesma igreja, ao passo que seus antepassados *imigraram* para o Brasil porque permaneceram durante várias semanas no navio e “tiveram que atravessar o mar”. Destarte, nesse quadro, não são as fronteiras políticas nem mesmo a língua nativa diferente que distinguem o processo de mudança do e/ imigração, mas a distância, as condições geográficas e de deslocamento entre o pólo emissor e receptor dos atores.

## NOTAS DO ANEXO:

<sup>1</sup> Colonia Tovar foi uma colônia de imigrantes alemães estabelecidos em 1843 em meio às montanhas da Venezuela. Permaneceram bastante isolados até a década de 1960 quando foi construída a “carretera” que os liga a Caracas. Hoje esses teuto-venezuelanos são os principais produtores de morango do país e, análogo a Gramado (RS), são um dos principais destinos turísticos da Venezuela.

<sup>2</sup> É interessante que mesmo após estar há quase 40 anos de volta ao Brasil, ela mantém a expressão *niñera*.

## REFERÊNCIAS

ANUÁRIO DER FAMILIENFREUND. *Katholischer Hauskalender und Wegweiser für das Jahr 1930. Jahres Rundschau 1928-1929*. Porto Alegre: Hugo Metzler, 1930.

BENENCIA, R. La Inmigración Limítrofê. In: Devoto, F. *Historia de la Inmigración en la Argentina*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2004.

BOURDIEU, P. *Economia das Trocas Simbólicas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

CARNEIRO, M. J. Pluriatividade na Agricultura Familiar. In: *Estudos Sociedade e Agricultura*. Rio de Janeiro: CPDA, 2002.

DEVOTO, F. *Historia de la Inmigración en la Argentina*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2004.

DREHER, M. *Igreja e Germanidade*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

FERREIRA LIMA F<sup>o</sup>, M. *O Desencanto do Oeste*. Goiânia: Editora UCG, 2001.





- GALLERO, M. C. *Con la Patria a Cuestas*. Buenos Aires, Inst. de Investigaciones Geohistoricas, Araucária, 2009.
- GROSSI, M.P. – Conventos e Celibato Feminino entre camponeses do Sul do Brasil. In: *Conventos e Celibato*, nº 7, pa'g.47-60, Porto Alegre, 1995.
- HARTZIG, C. (org). *Peasant Maids – City Women: from the European Countryside to Urban America*. Chicago: Cornell University Press, 1997.
- RAMBO, A. B. A Escola Comunitária Teuto-Brasileira. In: *Estudos Leopoldenses*, ano XXI, nº86. São Leopoldo, 1985.
- \_\_\_\_\_. *A Escola Comunitária Teuto-Brasileira Católica*. São Leopoldo: Unisinos, 1994.
- ROCHE, J. *A Colonização Alemã no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1966.
- SARRAMONE, A. *Alemanes en Argentina*. Buenos Aires: Ediciones B, 2011.
- SCHNEIDER, S. *A Agricultura Familiar e a Industrialização*. Porto Alegre: Editora Universidade, 1999.
- TAUSSIG, M. *The Devil and Commodity Fetishism in South America*. The University of North California Press, Chapel Hill, 1983.
- WEYREUTER, H. *Ardua fue la Lucha*. Destino de los colonos alemanes en la selva. Posadas: Editorial Universitaria UNaM, 1992.
- WOORTMANN, E. F. *Herdeiros, Parentes e Compadres*. Brasília: EdUnB, 1994.
- \_\_\_\_\_. Japoneses no Brasil /Brasileiros no Japão: tradição e modernidade. In: *Revista de Antropologia da USP*. Volume 38, nº 2, São Paulo, 1995.
- \_\_\_\_\_. Inmigración: llamado de Dios o del Destino. In: Wehr, I. *Un Continente en Movimiento: migraciones en América Latina*. Madri /Frankfurt, Iberoamericana/Vervuert, 2006.
- WOORTMANN, K. Com Parente não se Neguceia. In: *Anuário Antropológico* 87. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1988.

